APRESENTAÇÃO

A revista *Debates do NER* de 2018 traz algumas pequenas novidades. Em primeiro lugar, receberemos “ensaios visuais”, tal como o de Marília Sene de Lourenço, com fotografias do seu trabalho de campo junto aos Kaingang durante a sua pesquisa de doutoramento. Uma das fotografias de Marília é a imagem de capa deste novo número. Além disso, procuraremos também incluir traduções de textos importantes do debate global sobre o tema da religião, tal como fizemos neste número com um artigo recente (2015) de Simon Coleman, professor da Universidade de Toronto, no Canadá – aqui brevemente apresentado por Cleonardo Mauricio Junior, que foi orientado por ele em seu período de estágio no exterior. Dessa maneira, além de trazermos na seção *Debate* textos de destaque de autores internacionais (como os de Thomas Csordas, Bruno Latour, Joel Robbins...), nos esforçaremos por trazer para nossos leitores textos importantes e que contribuam para o debate e para a utilização em sala de aula, ao torná-los acessíveis em nosso idioma.

Este novo número traz, além dessas novidades, um importante debate que visa explorar e colocar sob escrutínio três linhas de força da análise da relação entre “religião” e “política”. Escrito pela professora Paula Montero (USP/CEBRAP), uma das mais distintas pesquisadoras no campo de estudos da religião no Brasil, e tendo por debatedores outras três importantes referências – os professores Marcelo Camurça (UFJF) e Emerson Giumbelli (UFRGS), e a professora Carly Machado (UFRRJ) –, o artigo apresenta uma rica discussão acerca das formulações dos conceitos de “religião civil”, “religião cívica” e “religião pública”. Ao fazê-lo, evidencia quais sentidos para “religião” e “política” são utilizados em cada abordagem, bem como as potencialidades e limitações de cada uma delas. Em seu texto, Marcelo Camurça propõe um experimento extremamente instigante: o de cotejar o texto de Montero “com escritos anteriores da autora onde esta examina a

questão da secularização, laicidade e presença pública da religião para o caso do Brasil”. Carly Machado, por sua vez, relaciona as reflexões de Montero com suas pesquisas, uma recentemente concluída e outra em andamento, sobre religião e política nas periferias do Rio de Janeiro, fazendo emergir sua problematização da interação com os dados etnográficos já produzidos. Emerson Giumbelli, por fim, segue no mesmo espírito de questionamento conceitual proposto por Montero e destaca a importância de pensarmos nas definições de “religião” e “religioso” em cada uma das abordagens, sobretudo quando as vinculamos ao pluralismo. A réplica de Montero esclarece muitas dúvidas levantadas pelos debatedores e nos situa no momento atual da vasta pesquisa coletiva financiada pela FAPESP, em andamento desde 2015, do qual esta reflexão é parte importante.

O conjunto de seis artigos que integra este número certamente marcará as discussões sobre o tema. Os dois primeiros estão dedicados às problemáticas que marcam uma antropologia do cristianismo (evangélico e católico). O primeiro, de Alana Sá Leitão Souza (doutoranda pelo PPGA/UFPE), é resultado de sua pesquisa na cidade em que mais de 40% dos habitantes se declaram evangélicos, constituindo-se, assim, na cidade mais evangélica do país. Nessa pesquisa, ela investigou como crianças de 8 e 9 anos “vivenciam sua religiosidade e negociam suas crenças, valores e práticas” no cotidiano, sobretudo escolar. Assim, frente ao contexto em que vivemos, de intensas disputas acerca da presença da religião e da “ideologia de gênero” nas escolas, esse artigo traz uma grande contribuição etnográfica para que compreendamos como ocorre uma série de negociações e disputas a partir do ponto de vista das crianças. O segundo artigo, de Ypuan Garcia (doutor pelo PPGAS/USP), dedica-se ao tema das relações entre o humano e o divino no Catolicismo a partir da maneira pela qual a “libertação” é compreendida. Seu argumento apresenta uma consistente crítica aos desenvolvimentos que enfatizaram a libertação como “autotransformação” e que se dedicaram, sobretudo, à produção de sujeitos individuais. Ao mostrar como as falas (testemunhos, pregações, partilhas e direções espirituais) dos católicos com quem se relacionou eram compreendidas a partir da abertura para Deus

e do estabelecimento de um vínculo com Ele, esse artigo nos apresenta uma situação em que a obediência e a submissão são compreendidas como “elementos centrais de sua liberdade”.

O terceiro artigo, do teólogo escocês Graham Gerald McGeoch, é uma análise da dimensão teológica do Movimento dos Sem Terra (MST) a partir daquilo que os membros do MST chamam de “mística”. Sua análise visa explorar esse aspecto, que é central e que anima as ações políticas do MST desde a sua concepção, a partir da sua herança teológica, sobretudo a partir do intenso diálogo com as correntes progressistas dentro do Cristianismo, como a Teologia da Libertação. Nesse sentido, o artigo dá continuidade ao conjunto de reflexões dos dois artigos anteriores, complexificando o cenário religioso cristão nacional.

O quarto artigo, de Leonardo Oliveira de Almeida (doutorando pelo PPGAS/UFRGS), insere-se na linha de pesquisa que se dedica a compreender as mídias e as mediações como parte intrínseca dos fenômenos religiosos e volta-se, mais concretamente, para a produção fonográfica das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. O artigo nos conduz pelas questões levantadas pela expansão e transformação ocasionadas pelo crescimento da presença midiática e pela profissionalização dos participantes envolvidos nas músicas rituais, isto é, pelo impacto do mercado fonográfico, da indústria cultural, nas práticas religiosas. Há, nesse processo, uma modificação na percepção do que é a música presente nos terreiros, afetando as relações e as hierarquias internas e, também, produzindo noções do que é arte e a artisticidade desses membros.

O quinto artigo, da argentina Agustina Adela Zaros (CEIL-CONICET), volta-se para as dinâmicas pelas quais a memória é transmitida através das gerações familiares e para as maneiras pelas quais, portanto, se constitui o que é aquela família a partir das socializações religiosas entre judeus, católicos, evangélicos e muçulmanos. Ao trazer aspectos das relações de pessoas que são, hoje, avós e que visam transmitir aos seus netos as práticas e memórias que receberam, por sua vez, de gerações passadas, o artigo evidencia de que maneira a transmissão religiosa faz a família e a família refaz as posições e laços religiosos.

O sexto e último é o já mencionado artigo de Simon Coleman (Universidade de Toronto, no Canadá), previamente publicado na *HAU: Journal of Ethnographic Theory* de 2015. Somos gratos ao autor e à equipe editorial da *Hau* pela permissão para tradução e publicação desse importante texto que visa problematizar afirmações que o autor escutou ao comentar que pesquisava grupos evangélicos conservadores, adeptos da Teologia da Prosperidade, na Suécia. A provocação inicial é a de que não entendiam as razões para ele trabalhar sobre aquelas pessoas, que foram chamadas de “lixo” ou “porcaria” [*crap*]. O autor desenvolve um sofisticado argumento acerca das fronteiras éticas das pesquisas antropológicas, o trabalho de pesquisa com sujeitos com os quais não necessariamente compartilhamos valores e posições ético-morais. O autor e o artigo são apresentados por Cleonardo Mauricio Jr. (doutorando pelo PPGA/UFPE), que realizou seu estágio no exterior sob supervisão de Coleman, razão pela qual evitarei me prolongar nesta apresentação.

Conforme já mencionamos no início, uma nova seção em nossa revista é marcada pelo Ensaio Fotográfico de Marília Sene de Lourenço (doutora pelo Museu Nacional/UFRJ), que nos brinda com fotografias realizadas durante sua pesquisa de campo junto aos Kaingang e nos transmite algumas das suas inquietações no texto que as acompanha.

Por fim, temos uma importante resenha, escrita por Giovanna Paccillo dos Santos (Unicamp), do livro *Religion, Gender, and Public Sphere*, organizado por Reilly e Sriver e publicado em 2014, que traz um intenso debate com a crescente literatura global do secularismo e da presença da religião na esfera pública, mas operando uma crítica e uma inflexão ao introduzir com centralidade a dimensão de gênero.

Em nome de toda a equipe editorial, agradeço a todas e todos que contribuíram para a revista, submetendo textos, atuando como pareceristas dedicadas/os, revisoras/es e editoradoras/es.

Boa leitura!

Eduardo Dullo